



**Universidade:  
presente!**

**UFRGS**  
PROPEAQ

**XXXI SIC**

21.25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Salão UFRGS 2019  
CONHECIMENTO FORMACÃO INOVAÇÃO

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	INFLUÊNCIA DE SEMIOQUÍMICOS NO DESLOCAMENTO E COMPORTAMENTO GREGÁRIO DE DIFERENTES GRUPOS ECOMORFOLÓGICOS DE ISÓPODOS TERRESTRES (ISOPODA, ONISCIDEA)
<b>Autor</b>	NIKOLAS RUBLESCKI THOMAZ
<b>Orientador</b>	GERALDO LUIZ GONÇALVES SOARES

# INFLUÊNCIA DE SEMIOQUÍMICOS NO DESLOCAMENTO E COMPORTAMENTO GREGÁRIO DE DIFERENTES GRUPOS ECOMORFOLÓGICOS DE ISÓPODOS TERRESTRES (ISOPODA, ONISCIDEA)

Nikolas Rublescki<sup>1</sup>, Geraldo Luiz Gonçalves Soares<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Laboratório de Ecologia Química e Quimiotaxonomia. Instituto de Biociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os oniscídeos podem apresentar reações de atração ou de repelência frente à recepção de estímulos químicos do ambiente. As evidências químicas podem ser provenientes tanto de coespecíficos quanto de outros organismos. A combinação de estímulos positivos e negativos na natureza pode ser um fator determinante para as funções vitais dos tatuzinhos-de-jardim, modelando o direcionamento para o encontro de parceiros reprodutivos, abrigo, alimento e para evitar predadores. Com relação a este último, cada grupo de isópodos terrestres se adaptou de tal forma a apresentar estratégias distintas frente a situações de perigo, constituindo diferentes grupos ecomorfológicos. Visto isso, o objetivo do trabalho foi analisar o grau de percepção de semioquímicos por oniscídeos em diferentes combinações de cenários, considerando três grupos ecomorfológicos. Em um primeiro experimento (EXP1), os tatuzinhos-de-jardim foram colocados individualmente em arenas consistidas de duas câmaras interligadas por um tubo transparente: uma vazia – neutra (N) – e outra com feromônio de coespecífico (C). Metade dos animais foi posicionada em cada câmara inicialmente. Na segunda etapa (EXP2) foi testado um cenário onde os isópodos terrestres foram posicionados no espaço central (N) de uma arena linear de três câmaras, também conectadas por tubos transparentes. Em uma das extremidades foi disposto o mesmo extrato de feromônio de coespecífico e, na câmara oposta, evidências químicas de diferentes famílias de aracnídeos (predadores potenciais) (P). O terceiro teste (EXP3) consistiu em uma arena de quatro câmaras lineares (identificadas por 1, 2, 3 e 4) em que os animais foram postos individualmente na câmara 2, deixando-se a 1 vazia (V) e adicionando-se evidências químicas de possíveis predadores na 3 e de coespecíficos na 4. Para todos os ensaios o posicionamento dos oniscídeos foi observado a cada cinco minutos, dentro do período de uma hora. Até o momento foram realizadas 30 observações de cada experimento para *Armadillidium vulgare*, *Benthana picta* e *Balloniscus glaber*, cada qual representando um grupo ecomorfológico distinto. Os resultados do EXP1 mostraram que apenas *A. vulgare* apresentou preferência significativa por C. No EXP2, apesar de a maioria dos indivíduos se deslocar para C, não foi apontada diferença quando comparado com a porcentagem dos que permaneceram em P. Todavia, houve uma preferência por N em todas as espécies. A diferença significativa em relação à área neutra foi novamente observada no EXP3, onde os espécimes se deslocaram para a câmara com sinais químicos de coespecíficos, predadores e para a câmara oposta vazia em igual proporção. Quando analisado qualitativamente em confluência com o decorrer temporal dos experimentos, foi detectada uma diferença nos padrões de deslocamento entre as espécies, tendo *B. picta* e *B. glaber* permanecido menos tempo na câmara inicial, comparadas com *A. vulgare*. Ainda, *B. picta* apresentou um maior número de indivíduos que, no EXP 3, ultrapassaram P para chegar em C.